



**ATA DA REUNIÃO Nº 15 DA
CÂMARA COMUNITÁRIA DE PROMOÇÃO SOCIAL
DO CONSELHO DA CIDADE
7 de abril de 2011**

1 No sétimo dia do mês de abril de dois mil e onze reuniu-se a Câmara Comunitária de Promoção
2 Social do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável, Conselho da Cidade, para a reunião
3 número quinze, em caráter ordinário, na Sala de Reuniões da Fundação IPPUJ, Avenida Hermann
4 August Lepper, nº 10, no bairro Saguazu em Joinville, Santa Catarina, das oito às dez horas,
5 conforme convocação do coordenador Rogélio Paulino Luetke e da Presidente do Conselho da
6 Cidade, Roberta Noroschny Schiessl, para tratar da seguinte ordem do dia: a) Leitura do Edital de
7 Convocação; b) Leitura e aprovação da ata da reunião anterior; c) Autoridade do professor em sala
8 de aula; d) Definição de calendário de reuniões extraordinárias para discussão da nova Lei de
9 Ordenamento Territorial; e) Assuntos Gerais. No início da reunião os conselheiros leram, aprovaram
10 e assinaram a ata da reunião anterior, e solicitaram que fosse encaminhada, por *e-mail*, a todos os
11 membros do Conselho da Cidade, dada a importância do assunto. Em seguida o coordenador
12 Rogélio Paulino Luetke apresentou as convidadas para o debate, a professora da rede estadual de
13 ensino e psicóloga Maria da Graça Leão Moreira e a professora Raquel Alves dos Santos de
14 Queiroz, Coordenadora do Ensino Fundamental do Município. Com a palavra, a professora Maria da
15 Graça falou sobre sua experiência como professora da rede particular de ensino e do Estado
16 esclarecendo que não o representa oficialmente. A professora falou que vivemos numa sociedade
17 em transição, e que a educação de antes é diferente de hoje. Fomos ensinados por castigos, mas
18 tínhamos muito clara a figura de autoridade dos pais. Hoje, a educação familiar foi terceirizada. Os
19 pais são inseguros, não punem, e presenteiam muito, gerando uma educação baseada na troca. A
20 convivência familiar é muito importante para a educação futura. Se a criança não reconhece a
21 autoridade dos pais, também não reconhecerá a do professor. O professor, por sua vez, sente-se
22 constrangido, não tem suporte, é acuado, e faz o jogo dos estudantes e dos pais. O professor é um
23 profissional que deve ser respeitado. Há pais que dizem “estou pagando...”, e acham que os filhos
24 tem o direito de fazer o que quiserem. Maria da Graça frisou que as crianças de hoje tem um amplo
25 conhecimento da legislação em seu favor, mas não conhece suas responsabilidades. Ato contínuo,
26 fez uso da palavra a professora Raquel, que comentou sobre seus vinte e oito anos em sala de aula,
27 nas redes pública e privada, no ensino fundamental e médio. Disse que não importa a idade, desde
28 muito cedo, já nos Centros de Educação Integrada, CEIs, as crianças não reconhecem a autoridade
29 do professor. Raquel disse que há conflito sobre a legitimidade da autoridade do professor, mas que
30 em sua opinião é legítima essa autoridade, pois o professor é a figura representativa, e o domínio do
31 conhecimento garante a autoridade. Raquel comentou que a categoria foi aberta a todos, e há
32 professores “de ocasião”, que vão dar aulas por não saber fazer outra coisa, e isso contribui para a
33 perda de autoridade. Disse ainda que trabalha na coordenação de oitenta e nove escolas, nas quais
34 há boa estrutura, orientadores e apoio pedagógico. O conselheiro Silvestre Ferreira comentou que às
35 vezes o fato de haver orientador e supervisor atrapalha, porque o professor não resolve o conflito na
36 sala, mas delega. Assim, vira vício e normal sair da sala. Silvestre, também professor, disse que usa
37 isso como último recurso. A conselheira Cláudia Valéria Lopes Gabardo fez uma crítica ao dizer que
38 não estamos formando os professores para a diversidade; eles não sabem lidar nem com os alunos
39 que se sobressaem, nem com aqueles que têm dificuldades. Citou o caso da aluna que foi com um
40 *short* muito curto para a aula, e por chamar a atenção de todos, o diretor da escola pediu que
41 vestisse uma bermuda mais adequada durante o período da aula, no intuito de proteger a aluna.
42 Disse que a aluna não respeita porque “não precisa”, não se exige isso dela. Quanto ao aluno entrar
43 com uma arma na escola, Cláudia disse que não é permitido nem abrir a mochila do aluno para ver o
44 que tem. Tudo é muito melindrado. Não se pode falar, porque ofende; não se pode agir, porque
45 machuca. Disse que por sorte a escola tem um bom relacionamento com a polícia, que é prestativa e
46 vem sempre que chamada. Lembrou que a função da escola é formar, é dar conhecimento, mas na
47 prática está tendo que educar, ensinar a sentar, a se comportar. Disse ainda que os problemas na
48 escola particular são camuflados, mas são os mesmos. A professora Raquel comentou que a frase
49 mais ouvida entre os pais é: “não dou mais conta do meu filho”. O conselheiro Lenin Peña comentou
50 que há quarenta anos trabalha pela construção e reconstrução da sociedade, tanto no município,
51 quanto no país e no mundo. A TV ensina a cometer crimes e a desobedecer. Temos vícios da Idade



52 Média. As mudanças passam pelos sete pilares da educação, mas dentro de uma forma quântica,
53 futurista, de ver os problemas. Disse que é necessário “aprender a aprender”, e citou Pedro Demo e
54 Leonardo Boff. Disse que o professor deve deixar de ter essa atitude de ser o dono do conhecimento,
55 e humildemente colocar-se como aprendiz junto com o aluno. O papel do professor é um chamado à
56 formação de uma sociedade. Disse que o Instituto de Desenvolvimento Sustentável, IDS, tem uma
57 palestra pronta para ajudar a compreender como deflagrar esse processo. O conselheiro Eduardo
58 Miers comentou que o professor é um profissional, e que pela grande demanda há deficiência na
59 formação. Disse que quando alguém diz: “vou dar uma aulinha”, já fracassou como professor. O
60 coordenador Rogélio Luetke, também com experiência de dezoito anos no ensino particular,
61 comentou que na década de oitenta o Diretor Geral da escola em que lecionava circulava o tempo
62 todo pelos corredores da escola, e sua autoridade fazia tudo funcionar. Quando começou a lecionar,
63 Rogélio tinha dezenove anos, e dava aulas para pessoas de dezessete anos, mas nunca teve
64 problemas com autoridade. Disse que na década de noventa, ou no ano dois mil, já estava muito
65 diferente, havia muita dificuldade para se ter respeito. Ao longo dos anos foi mudando, e nunca mais
66 se teve um diretor circulando pelos corredores, talvez pelo crescimento da instituição que, antes tinha
67 duzentos alunos, e hoje tem dois mil. O conselheiro Lenin disse que essa falta de respeito aconteceu
68 porque o próprio professor mudou ao assumir-se como detentor do conhecimento, e todos os
69 presentes opuseram-se à essa afirmação. Luetke disse que a autoridade do professor depende da
70 postura dele desde o primeiro dia de aula, quando são colocadas na mesa as “regras do jogo”, e
71 disse não admitir aluno dormindo, virado para o lado ou conversando. Falou ainda que hoje o
72 professor compete com celular, MP3 e *Ipod*... A professora Raquel comentou que faz um acordo
73 pedagógico com os alunos, sobre celular e postura em sala de aula, por exemplo. Disse que não
74 pode usar autoritarismo, mas não pode perder a autoridade, que dependerá do acordo e da relação
75 com o grupo. O Major Giovani, da Polícia Militar, presente na reunião, disse que vivemos num
76 conflito de gerações e que a década de noventa foi um divisor de águas. Nós não sabemos o que
77 fazer. O que aprendemos foi desconstruído, não podemos usar nada como parâmetro. Quanto ao
78 resgate da autoridade, pergunta se deveria ser “resgate” ou “conquista”? Reforçou que vivemos num
79 novo momento, nova geração, que exige novos pedagogos, novos profissionais, novas ferramentas.
80 Temos que conquistar o coração das crianças. Nunca mais será o que era, estamos no final do
81 corredor. Se não mudarmos, não vai dar certo. Comentou que em sua casa não aceita que suas
82 filhas reclamem dos professores do colégio, e não sabe se está certo em agir assim. Frisou que
83 regras, limites e consequências devem funcionar. O conselheiro Silvestre disse estar feliz em ouvir
84 um policial falar dessa forma, e falou que a cultura é uma das formas mais eficazes de trabalhar. A
85 educação é uma ferramenta que se usa para ensinar a cultura. Disse estar de acordo, o que passou
86 não voltará mais, e falou que há tecnologia de comunicação, construção de relacionamentos,
87 ferramentas para isso. O Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, é uma ferramenta pedagógica
88 excelente, e as sanções nele constantes devem ser exploradas. Qual é o limite do respeito na hora
89 do conflito? Falta treinamento, disse Silvestre. A conselheira Viviani Bittencourt Marques disse que a
90 mídia vendeu o ECA como um mecanismo para proteger marginais, e não como uma lei que garante
91 direitos, e ressaltou que antes **as crianças em situação de rua ou abandono eram vistas como**
92 **marginais**. Silvestre falou que se deve destrinchar o ECA na sala de aula. A sociedade deve ser
93 cuidada, mas o professor também deve ser cuidado. “Quem cuida de quem cuida?” “Quem cuida de
94 quem protege?” Temos que passar menos tempo em sala de aula e mais tempo relacionando-nos
95 com os alunos. A geração de hoje tem muito mais conhecimento, temos que rediscutir isso para não
96 continuar ensinando o que for desnecessário. A professora Graça lembrou que “a filha é a cópia da
97 mãe”, e que deve haver compreensão, diálogo, e também o reconhecimento da autoridade. Os pais
98 não podem desautorizar o professor. O papel do adulto é proteger a criança, e no caso citado antes,
99 da menina vestida de forma inadequada, a avó, responsável por ela, não a protegeu – e isso poderia
100 ser levado ao Conselho Tutelar, sob alegação de negligência quanto à conduta e trajés da criança.
101 Graça lembrou que em todas as áreas profissionais há uma porcentagem de escória, e não podemos
102 confundir. O estudante deve ser respeitado, deve ter aulas bem dadas, e deve respeitar o professor.
103 O conselheiro Lenin propôs que se faça um manifesto para atingir a comunidade, ou um seminário
104 ou fórum, e disse que a elite não quer que a sociedade melhore, que a educação seja boa. Silvestre
105 lembrou que o papel do Conselho não é o de gestor de eventos, mas propositivo e norteador de
106 diretrizes, e que assuntos como esse são gigantescos. Viviani disse que se discute a redução da



107 maioridade penal, mas o adulto infrator não cumpre a pena proposta, e é incoerente querer esconder
108 os problemas **prendendo adolescentes**. A conselheira Irma Kniess disse que estamos constatando
109 algo e temos que sugerir que seja diferente. Em sua opinião, o problema está em nós, adultos. O
110 aluno que está acostumado solto em casa terá dificuldade na sala de aula. O professor é a pessoa
111 que vai orientar e preparar a pessoa para o futuro. Disse que não há cultura nas escolas, nem lazer.
112 Temos que repensar, formar uma rede para construir a sociedade que a gente quer, e denunciar,
113 sempre, junto aos Conseg. O conselheiro Eduardo Miers propôs um desafio para pensar: “O
114 professor hoje ainda é necessário?” O papel do professor é ensinar a aprender, formar cidadãos, e
115 está fracassando nisso por estar mal preparado. Temos que investir na melhoria. Num comparativo
116 com a natação, Miers disse que mesmo o melhor nadador do mundo precisa de um instrutor e um
117 ambiente adequado. O aluno também precisa de um ambiente adequado, caso contrário não vai ser
118 um bom nadador. Disse que compara o mundo a uma piscina, onde todos precisam nadar para não
119 afundar. Se o professor não gosta de dar aula, deve pedir demissão. Quem não for “craque” deve
120 desistir dessa profissão. O conselheiro e também professor Carlos Alberto Lessa disse que o sistema
121 está equivocado. Ainda usamos quadro negro e carteiras, escrevemos no quadro e repassamos
122 conhecimento. O professor não tem culpa, é vítima. Não se valoriza novos conhecimentos. Disse que
123 num país decente, o aluno fica o dia inteiro na sala de aula. No Sul do Brasil se dá a mesma aula que
124 no Nordeste. Lembrou que o nosso jovem tem outros valores e referências, e mudaram bruscamente
125 desde a década de noventa. Hoje, uma criança de três anos nos ensina a mexer no celular e no
126 computador. Damos tudo para nossos filhos nos dias atuais, e cobramos muito pouco deles. A
127 referência dos valores e a educação se dá pelo exemplo; se você não vive o que ensina, não
128 conseguirá passar isso para seu filho. Lessa disse que não adianta tentar mudar a cabeça dos pais,
129 e disse que a melhor escola é aquela em que a família está envolvida. É importante integrar a família
130 à escola. O conselheiro Luiz Carlos da Silva Januário comentou que hoje as famílias são menores, e
131 os pais ausentes, repassando o cuidado com os filhos para o Estado e o Município. Não podem ficar
132 doze horas com a criança. Luiz reforçou que a base é a família, principalmente nos primeiros anos de
133 vida. A ociosidade dos jovens os leva a buscar as drogas. Os pais culpam o professor e o governo.
134 Os vizinhos hoje nem se conhecem, não se cumprimentam. É preciso rever a base, a sociedade,
135 buscar conceitos. Para Luiz Carlos, os pais devem acompanhar, dar atividades, cobrar dos filhos, e
136 quanto aos que já são dependentes de drogas, deve-se buscar tratamento. O coordenador Rogélio
137 comentou que neste debate houve cem por cento de participação, pois todos estão envolvidos.
138 Silvestre sugeriu, como ação, que a Câmara faça perguntas ao Poder Público, sobre o que está
139 sendo feito com referência ao assunto. Outra sugestão é fazer uma moção sugerindo preocupação
140 com respeito, perguntando que ações podem ser planejadas, o que se pode fazer a respeito. A
141 professora Raquel comentou que não chega a dez por cento as ocorrências, num universo de
142 sessenta e duas mil crianças no ensino público municipal. A conselheira Claudia lembrou ainda que
143 crianças inquietas estão sendo muito medicadas, e isso deve ser visto com mais cautela. O
144 conselheiro Lenin Peña sugeriu que se determine grupos de dois conselheiros que estejam
145 centrados em cada uma das diretrizes do Plano Diretor para esta Câmara de Promoção Social, para
146 dar celeridade e melhores soluções, numa metodologia de trabalho mais eficaz, possibilitando
147 esgotar essas diretrizes ainda neste mandato, mas os conselheiros não apoiaram a proposta. Lessa
148 disse que é interessante trazer uma autoridade para falar sobre cada assunto com todo o grupo. Ato
149 contínuo, os conselheiros discutiram sobre a agenda de reuniões extraordinárias para tratar da nova
150 Lei de Ordenamento Territorial, que ficou assim definida: dezanove de abril, dezanove de maio, dez e
151 trinta de junho. Sem mais a tratar, às dez horas foi encerrada a reunião. Fica registrada a justificativa
152 de ausência da conselheira Rosinete Fátima Ferreira Neto. Eu, Patrícia Rathunde Santos, Secretária
153 Executiva do Conselho da Cidade, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo coordenador, por mim
154 e pelos conselheiros presentes. Joinville, sete de abril de dois mil e onze.

Rogélio Paulino Luetke
Coordenador da Câmara Comunitária
de Promoção Social do Conselho da Cidade

Patrícia Rathunde Santos
Secretária Executiva do Conselho da Cidade



Assinatura dos conselheiros presentes nesta reunião

Câmara Comunitária de Promoção Social			
PODER PÚBLICO		SOCIEDADE CIVIL	
TITULAR	SUPLENTE	TITULAR	SUPLENTE
_____ Silvestre Ferreira	- _____ ausente _____ Manoel de Medeiros Machado	- _____ ausente _____ Rudi Soares	- _____ ausente _____ Mauro Berger
I - Entidades Empresariais			
_____ Rogélio Paulino Luetke	_____ Luiz Carlos da Silva Januário	_____ Carlos Alberto Lessa	VAGO
II - Entidades de trabalhadores			
_____ Claudia Valéria Lopes Gabardo	- _____ ausente _____ Rita de Cássia de Almeida Chagas Fernandes	_____ Eduardo Miers	VAGO
III - Entidades profissionais, acadêmicas e de pesquisa			
- _____ ausente _____ Juliana Rocha de Alcântara	- _____ ausente _____ Silvano Ribeiro	_____ Lenin Peña	_____ Irma Kniess
IV - Organizações não Governamentais (ONG's)			
- _____ ausente _____ Maria Teresa Soares	_____ Viviani Bittencourt Marques	- _____ ausente _____ Rosinete Fátima Ferreira Neto	- _____ ausente _____ Pedro Johnni Dias Júnior
V - Movimentos Sociais			

Joinville, 7 de abril de 2011

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.